

MAIO, 2025

PUBLICAÇÃO N° 01

revista
MENTIS



EDIÇÃO ESPECIAL:
PSICOLOGIA HOSPITALAR

A TEMIDA IDEIA

DA MORTE.

PRA ENTENDER:
LUTO E OS PROCESSOS DE
MORTE

PRA CONHECER:
ESTÁGIOS DO LUTO DE
KÜBLER-ROSS





EDIÇÃO ESPECIAL:
PSICOLOGIA
HOSPITALAR

PRA ENTENDER:
LUTO E OS PROCESSOS DE
MORTE

PRA CONHECER:
ESTÁGIOS DO LUTO DE
KÜBLER-ROSS

Sobre Mentis

A edição "A Temida Ideia da Morte" da revista **MENTIS** convida o leitor a um verdadeiro mergulho no delicado e complexo universo do luto. Com equilíbrio entre o rigor acadêmico e o relato de vivências profissionais, a publicação apresenta contribuições de autores e pesquisadores renomados, além de experiências de profissionais locais que enriquecem ainda mais a leitura.

“ —

Cuidar do luto exige, antes de tudo, um profundo cuidado consigo mesmo(a). Estar presente – em corpo, mente e afeto – não é tarefa simples. É um compromisso que demanda disponibilidade emocional e escuta sensível.

A revista aborda, com sensibilidade e profundidade, temas como o luto infantojuvenil, os cuidados paliativos e as perdas não legitimadas socialmente — aquelas dores silenciadas que não encontram espaço de reconhecimento ou validação. Falar sobre esses temas é fundamental para que deixem de ser tabu. Ao longo da leitura, é possível perceber uma abordagem que alia leveza e profundidade, ampliando o olhar e o conhecimento sobre o luto em suas diversas formas.



Luanna Estevão -
Psicóloga, Tanatologa
e gestaltterapeuta



@luanaestevao.psi



Da editora:

Caros leitores,

É com enorme satisfação — e uma boa dose de responsabilidade — que apresentamos a vocês a primeira edição da **Mentis**. Esta revista nasce com o propósito de abrir espaços para conversas que importam: sobre a vida, a morte, o cuidado e tudo o que se move no íntimo da experiência humana. Em um tempo em que somos constantemente convocados à produtividade e ao silêncio diante da dor, propomos o oposto: escuta, pausa e elaboração. Nesta edição inaugural, propositalmente começaremos pelo temido fim — a **morte**. Olharemos com seriedade e sensibilidade para o tema da morte e do luto — não apenas como fim, mas como parte do existir que nos atravessa e transforma.

Ao folhear estas páginas, você encontrará artigos que tratam do luto no contexto hospitalar, das reações de crianças e adolescentes diante da perda, do sofrimento silencioso dos profissionais da saúde e das novas formas de compreender o luto — para além dos cinco estágios de Kübler-Ross. Trazemos também reflexões sobre os chamados “lutos não reconhecidos”, como a perda de um animal de estimação, acolhendo experiências que muitas vezes são invisibilizadas.

A seção Livro do Mês oferece indicações que tocam fundo, como “*A Morte é um Dia que Vale a Pena Ser Vivido*”, de Ana Claudia Quintana Arantes, e “*Pequenas Ausências*”, de Dayanne Dockhorn, que são convites à empatia, à memória e à presença. E em “Quem ouvir”, descubra podcasts que irão fazer a diferença no seu dia e na sua forma de repensar temas como este.

Nossa intenção com **Mentis** é ser mais que uma revista — queremos ser uma companhia para quem pensa, sente, cuida e precisa de palavras que façam sentido. Que esta leitura seja, para você, um espaço de respiro, reflexão e encontro.

Boa leitura,

Ingra Gaioso

Editora-chefé
Revista **Mentis**



A Travessia Invisível

Como vivemos (e evitamos) a morte no cotidiano hospitalar. Entre protocolos e corredores silenciosos, refletimos sobre a experiência da finitude e o que ela nos revela sobre a vida.



Estágios do luto de E. Kübler-Ross

Elisabeth Kübler-Ross e o legado de um modelo que ainda comove e divide opiniões. Conheça as origens da teoria, aplicação e as críticas contemporâneas que ampliam a compreensão sobre o luto.



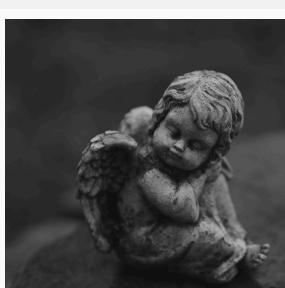
Crianças e Adolescentes: Quando a Morte Chega

Como jovens de diferentes idades lidam com o fim — e como podemos acolher suas dores. Um olhar sensível e orientado pela psicologia do desenvolvimento sobre o luto na infância e adolescência.



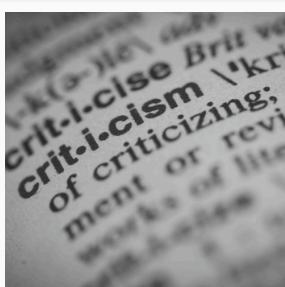
Quem Cuida de Quem Cuida?

Os profissionais de saúde diante da morte e do desgaste emocional invisível. Burnout, silêncio e resistência emocional: por que precisamos falar do sofrimento de médicos, enfermeiros e terapeutas?



Lutos não reconhecidos

Perdas não reconhecidas, silêncios não validados. Luto por abortos, separações, animais de estimação e projetos frustrados: um convite à empatia por dores que o mundo insiste em ignorar.



Críticas às fases do luto de E. Kübler-Ross

Luto não é escada: por uma abordagem mais fluida e personalizada da perda. Conheça os autores e movimentos que propõem uma nova forma de pensar o luto: cultural, subjetiva e não-linear.

A Travessia Invisível

A morte nunca é um tema fácil, mas em ambientes hospitalares, onde a expectativa de cura permeia cada sala, ela é um cenário recorrente que poucos estão preparados para enfrentar.

Enquanto muitos pacientes passam por tratamentos intensivos e tecnologias de ponta, a morte, que ainda é vista como uma falha no processo de cura, muitas vezes surge sem aviso. No entanto, essa percepção está mudando.

Hospitais ao redor do mundo estão implementando práticas de **cuidados paliativos** que buscam aliviar o sofrimento dos pacientes e de seus familiares, proporcionando um final de vida mais digno.

Mas qual o impacto da morte no hospital, tanto para os pacientes quanto para os profissionais de saúde? O processo de luto aqui é multifacetado.

Para a família, a morte muitas vezes acontece sem o tempo necessário para se preparar, e isso é exacerbado pela falta de espaços adequados para despedidas. Profissionais de saúde, por sua vez, também enfrentam um luto silencioso.

O desgaste emocional devido à constante proximidade da morte pode gerar estresse, burnout e até sentimentos de impotência. Por isso, a escuta, a presença e os cuidados especializados ao redor do processo de morte são essenciais.



O que diz a especialista

“A percepção do profissional de saúde acerca do processo de morte e do morrer, é multifatorial e interdependente. Essa percepção varia inicialmente das características individuais e coletivas do profissional; bem como da grade curricular acadêmica e do setor de atuação ao qual este está vinculado. Como acadêmica de enfermagem eu tive a oportunidade de ter disciplinas que iam além do cuidado assistencial tradicional, que incluíam conteúdos de cuidados paliativos além da boa comunicação de notícias ruins. Essa formação holística e respeitosa me tornou uma profissional mais empática e resiliente com o processo natural de adoecimento e por fim o do morrer. A morte em si é vista por diversos olhares que também variam de acordo com o setor de atuação desse profissional. Setores de urgência e emergência tendem a ver a morte como um processo rotineiro, e por vezes desgastante.



Camylla Lima, Enfermeira no Hospital de Urgência de Teresina (HUT) e Mestre em Saúde Mental.



Tal processo de desgaste reforça a necessidade do acompanhamento psicológico, contínuo e ininterrupto, destes profissionais, tendo em vista que durante o seu exercício laboral o profissional se vê obrigado a “vestir uma máscara”, a máscara da corregulação emocional na tentativa de proteção do self, da mesma maneira que tenta auxiliar o binômio família/paciente a compreender os sentimentos inerentes ao processo de luto como: a negação, a raiva, a barganha e a depressão; tendo por objetivo final ajudar na aceitação da doença ou da morte doente cuidado. Por fim, saliento a importância da presença do psicólogo hospitalar de forma mais atuante e resoluta, tendo em vista a complexidade do cuidado ao enfermo e da família, também enferma, dentro do contexto do cuidado paliativo”.



Elisabeth Kübler-Ross: Além das Fases, Uma Jornada

Quando Elisabeth Kübler-Ross publicou sua teoria sobre os cinco estágios do luto em 1969, ela revolucionou a forma como entendemos o sofrimento após uma perda. Negação, raiva, barganha, depressão, aceitação. Estes são os estágios pelos quais uma pessoa pode passar ao lidar com a morte, seja a sua própria ou a de um ente querido. Mas será que esses estágios acontecem de forma linear? A resposta, como tudo no universo emocional humano, é mais complexa.

Embora muitos ainda usem o modelo como um guia, ele tem sido questionado ao longo dos anos. O luto não é uma trajetória fixa; ele se mistura, volta e avança, de maneiras únicas para cada indivíduo. A ideia de que é necessário "aceitar" a morte, por exemplo, pode não ser um objetivo para todos, e a "negação" pode não ser algo negativo ou patológico, mas uma forma de proteção temporária.

*Psiquiatra e autora de mais de 20 livros, dentre eles “Sobre a Morte e o Morrer”, traduzidos em vários idiomas, dedicou grande parte de sua vida a entender e acompanhar aqueles que estavam morrendo, ajudando-os na aceitação na morte próxima e no momento da transição. Afirmava não temer a própria morte e desejava seguir somente aquilo que acreditava. Segundo E. Kubler-Ross, “a vida não acaba quando você morre. Ela começa”.



“Ninguém morre sozinho”

Parte de seu reconhecimento mundial se deve ao fato de que a psiquiatra passou décadas ajudando pacientes terminais, aplicando cuidados paliativos modernos para que pudessem enfrentar o fim de suas vidas com serenidade e até alegria. Enquanto isso, ela estudou seus comportamentos, a partir dos quais desenvolveu sua teoria sobre os cinco estágios do luto (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação), conhecida mundialmente como "modelo Kübler-Ross" e hoje considerada a base teórica dos cuidados paliativos.

MINHA JORNADA

o luto na infância e adolescência.



A morte é uma das maiores dificuldades de se compreender na infância e adolescência. Crianças pequenas não entendem completamente o conceito de finitude, e, mesmo que vivenciem a perda de alguém próximo, elas podem não saber como expressar seus sentimentos. Já os adolescentes, com sua busca por identidade e pertencimento, podem ter dificuldades em lidar com a morte de um amigo ou familiar. Para eles, a morte pode representar o fim de um mundo conhecido e o início de uma nova fase cheia de incertezas. A chave aqui é a comunicação. Em vez de evitar o assunto, é essencial criar um espaço seguro onde as crianças e os adolescentes possam fazer perguntas e expressar seus sentimentos. Além disso, é importante que os adultos mostrem que está tudo bem sentir tristeza, raiva ou até alívio, pois todas essas emoções são normais em um processo de luto.



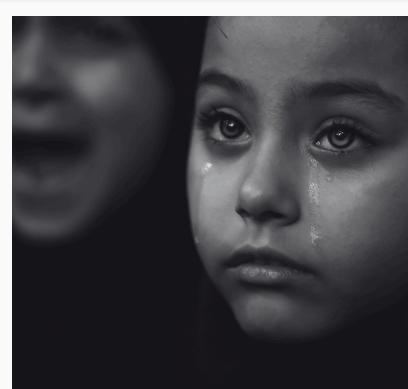
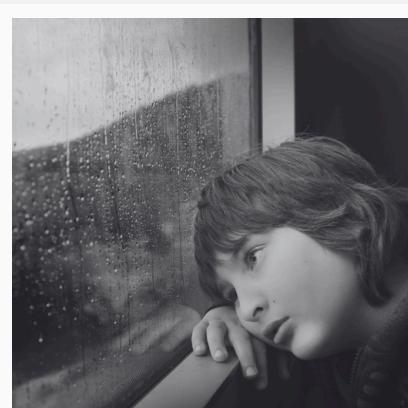
Luto infantil

Como acolher a dor de alguém tão pequeno quando você é o adulto e se sente pequeno igual diante da morte?

A morte, é portanto, o primeiro contato da criança ou adolescente com o conceito de **finitude**. E traz consigo descobertas como a fragilidade dos adultos a sua volta e a compreensão andará junto com seu desenvolvimento cognitivo.

O acompanhamento psicológico profissional no caso do luto infantil ajuda a criança a entender os próprios sentimentos. Da mesma forma, orienta a família sobre a melhor forma de ajudar a criança.

É comum que algumas crianças se fechem e não queiram falar sobre o assunto com os familiares. O comportamento mais quieto e isolado, muitas vezes, vem do receio de trazer mais preocupações e sofrimento aos adultos. Com um profissional, a criança tende a se abrir com maior tranquilidade.



E quem cuida deles?

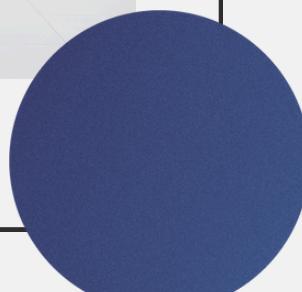


Segundo dados de 2022 da Organização Mundial da Saúde (OMS), profissionais da área da saúde têm 24% mais chances de desenvolver transtornos como depressão e ansiedade do que a média da população. No Brasil, uma pesquisa realizada pela Fiocruz com mais de 20 mil trabalhadores da saúde durante a pandemia revelou que 47% apresentavam sintomas compatíveis com burnout — um esgotamento emocional crônico associado ao estresse ocupacional.

Burnout, aliás, não é mais apenas uma “condição individual”. Em 2022, com a inclusão oficial do burnout como um fenômeno ocupacional pela OMS na CID-11, e com a atualização da Norma Regulamentadora nº 1 (NR-01) do Ministério do Trabalho e Previdência, os empregadores passaram a ter responsabilidade legal sobre os fatores psicossociais que afetam a saúde mental dos trabalhadores, incluindo os da área da saúde.

PROFISSIONAIS DE SAÚDE

“Eu não tive tempo de sentir.” Essa frase, dita por um enfermeiro após a perda de um paciente que acompanhava há semanas, resume o dilema silencioso de milhares de profissionais de saúde no Brasil. Diante da morte — constante, veloz, emocionalmente densa —, médicos, enfermeiros, psicólogos e técnicos muitas vezes não encontram espaço para viver seu próprio luto. Poucos sabem o quanto é difícil para os profissionais de saúde lidar com a morte, especialmente aqueles que estão nas linhas de frente, como médicos e enfermeiros. Ao longo dos anos, eles enfrentam inúmeras perdas, muitas vezes sem o devido espaço para expressar seu luto. A pressão para manter uma fachada profissional enquanto se lida com emoções profundas pode resultar em exaustão emocional, e em muitos casos, burnout. A Psicologia Hospitalar, antes centrada apenas no paciente e sua família, passa a incluir com mais força o profissional de saúde como sujeito de cuidado.





Burnout

Distúrbio emocional manifestado como exaustão extrema, estresse e esgotamento físico, resultado de situações de trabalho desgastantes ou de muita responsabilidade.



NR-01

(Portaria MTP nº 4.219/2022)

Determina que empresas devem avaliar riscos psicossociais e adotar medidas de prevenção e cuidado com a saúde mental no ambiente de trabalho.



"A saúde do cuidador é condição essencial para a qualidade do cuidado."

(Ministério da Saúde, 2023)



A Pérola Silenciosa



Nem todas as perdas são reconhecidas socialmente. Perder um animal de estimação, terminar um relacionamento, ou até enfrentar a perda de um futuro sonhado — esses tipos de luto são frequentemente minimizados ou ignorados. A sociedade tende a valorizar apenas as perdas mais visíveis e tradicionais, como a morte de um ente querido, mas as perdas cotidianas também exigem espaço para o luto.



Não poder sofrer em voz alta – Nem toda perda chega com flores, velório e condolências. Algumas vêm em silêncio, sem rituais ou reconhecimento. São as chamadas **perdas não legitimadas** ou lutos não reconhecidos, um conceito desenvolvido pelo psicólogo Kenneth Doka na década de 1980, e que permanece tão atual quanto urgente. O que é luto não reconhecido? É aquele que não recebe validação social, como: a perda de um animal de estimação, o fim de um relacionamento afetivo, a perda da fertilidade ou da capacidade de gestar, o diagnóstico de uma doença crônica ou neurodegenerativa, a perda de um emprego, de uma identidade ou de um futuro imaginado.

Em todos esses casos, a dor é real — mas, como não se encaixa nos modelos sociais tradicionais de luto, ela tende a ser minimizada. O impacto disso pode ser devastador.

Toda perda precisa ser falada, ou o corpo falará por ela. – Rituais são formas de elaborar e transformar a dor. Mesmo fora do luto tradicional, é possível criar momentos simbólicos que dêem nome à perda, legitimem a dor e criem sentido. Uma carta não enviada, uma despedida íntima, um memorial improvisado — pequenos gestos que autorizam o luto.

SOFRIMENTO SILENCIOSO

O QUE DIZ A PSICOLOGIA?

A psicóloga canadense Margaret Stroebe, especialista em luto, reforça que a ausência de reconhecimento social pode prolongar e intensificar o sofrimento psíquico, levando a quadros como luto complicado, depressão e ansiedade.

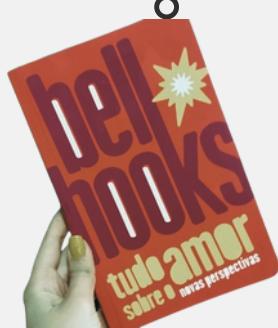
A psicologia contemporânea também alerta para o fenômeno do luto coletivo invisível — como o vivido por comunidades após catástrofes, epidemias ou perdas sociopolíticas, que geram sensação de luto difuso e sem rosto.

Segundo dados do Ministério da Saúde (2023), cerca de 31% dos afastamentos por saúde mental no Brasil estão relacionados a perdas emocionais que não recebem suporte adequado. A falta de reconhecimento da dor gera sentimento de isolamento, vergonha e invalidação emocional.

Leitura Recomendada

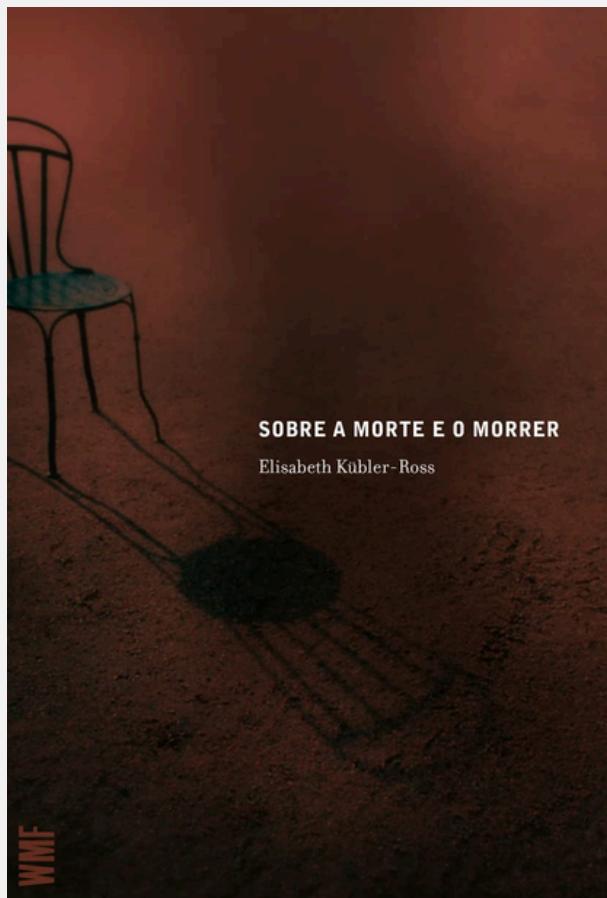
"*Tudo sobre o amor*", de Bell Hooks.

Um ensaio afetivo, político e profundo sobre como amamos — e sobre o que perdemos quando o amor falha, acaba ou não é reconhecido. Uma leitura essencial para quem deseja compreender os lutos do coração.



DESFAZENDO AS FASES

Teorias Críticas ao Modelo de Kübler-Ross



A proposta dos cinco estágios do luto — negação, raiva, barganha, depressão e aceitação — foi apresentada por Elisabeth Kübler-Ross em seu livro seminal “Sobre a Morte e o Morrer” (1969), e tornou-se, por décadas, a lente mais popular para compreender como lidamos com a perda. Mas, mais de 50 anos depois, essa teoria vem sendo cada vez mais questionada.

A própria Kübler-Ross, em entrevistas posteriores à publicação de sua obra, admitiu que seu modelo foi muitas vezes mal interpretado como prescritivo. Na verdade, ela propunha uma descrição não linear e não obrigatória de como algumas pessoas poderiam vivenciar o luto — não uma receita emocional universal.

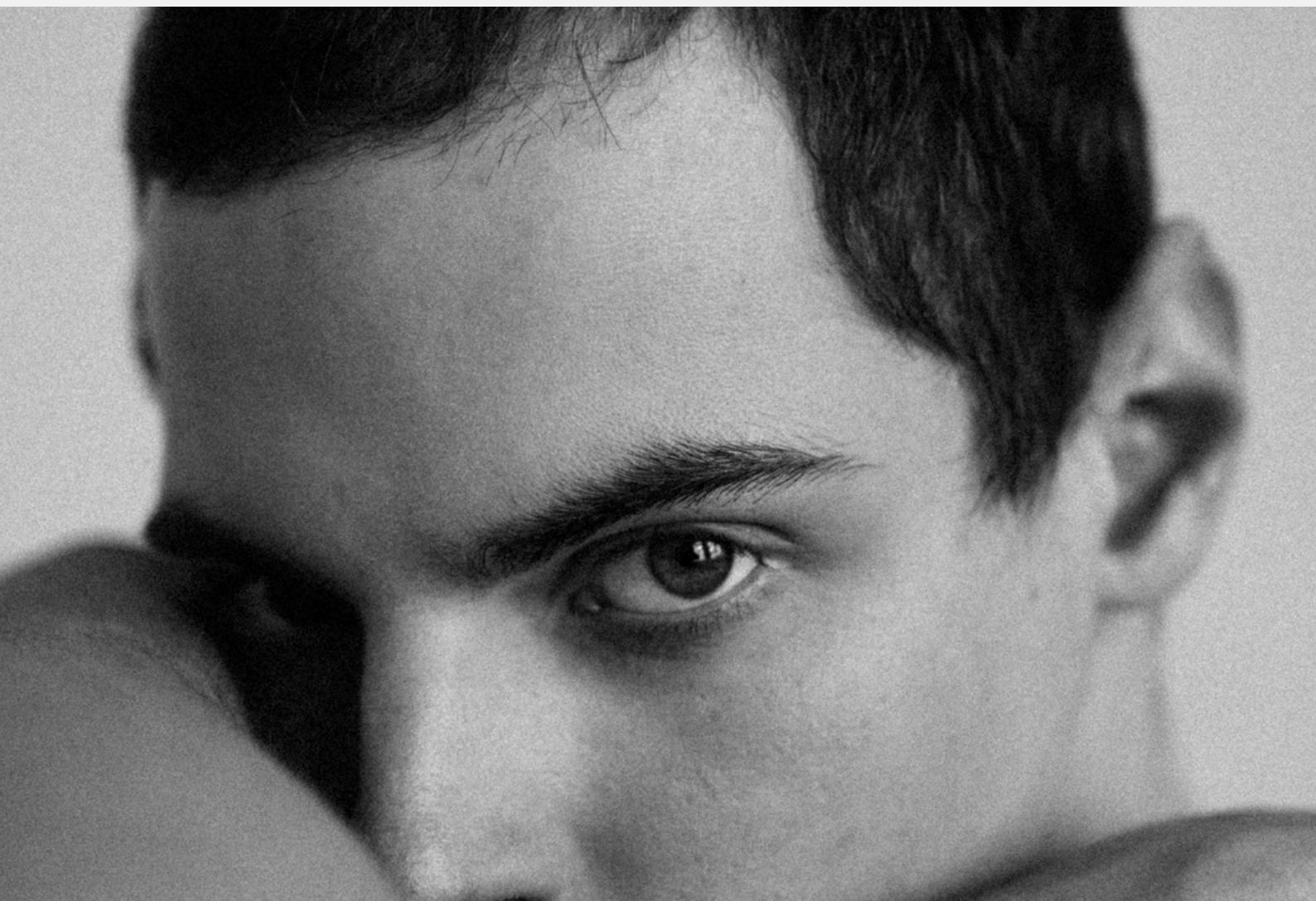
A teoria de Elisabeth sobre os cinco estágios do luto foi um marco para entender como as pessoas lidam com a morte, mas muitos estudiosos têm apontado limitações nesse modelo. O maior ponto de crítica é a ideia de que o luto acontece de forma sequencial e linear. Na realidade, o processo de luto é mais fluido, com as pessoas podendo retornar a um estágio anterior ou vivenciar várias emoções simultaneamente. Além disso, a teoria original não leva em consideração o impacto cultural, social e individual no processo de luto. Algumas pessoas podem nunca “aceitar” a morte de um ente querido, mas isso não significa que seu luto seja incompleto ou patológico.

Uma das críticas mais consistentes vem da psicóloga Margaret Stroebe, uma das maiores especialistas em luto da atualidade. Em uma análise de 2007 publicada no Omega Journal of Death and Dying, Stroebe e Henk Schut destacam que:

“

A evidência empírica não apoia a ideia de que as pessoas passem por estágios fixos, previsíveis e em sequência durante o luto.

”



Essa flexibilidade é especialmente importante quando consideramos fatores culturais, espirituais e de personalidade. Um estudo do Journal of Death Studies (Rosenblatt, 2008) argumenta que culturas orientais, por exemplo, podem vivenciar o luto de forma mais coletiva e ritualizada, enquanto em países ocidentais ele tende a ser mais individual e introspectivo — o que interfere diretamente no tipo de reação emocional esperada e validada socialmente.

Diante dessas críticas, surgiram teorias alternativas mais dinâmicas, como: **Modelo Dual do Luto** (Stroebe & Schut, 1999), que propõe que a pessoa enlutada oscila entre momentos de confronto com a perda (luto orientado) e momentos de distração ou reorganização da vida (restauração orientada). **Modelo de Crescimento Pós-Traumático** (Tedeschi & Calhoun), que mostra como algumas pessoas não apenas se recuperam da perda, mas também se transformam profundamente a partir dela. E o **Modelo das Narrativas do Luto** (Niemeyer, 2001): destaca o papel do sentido que damos à perda e como isso afeta nossa adaptação emocional. Essas abordagens substituem a rigidez por fluidez, respeitam o tempo psicológico de cada indivíduo e reconhecem que não há um “caminho certo” para viver o luto.



A psicóloga clínica brasileira Maria Helena Franco, referência em tanatologia, resume o desafio: “O luto é uma resposta natural à perda. Não deve ser patologizado por não seguir uma curva emocional ‘esperada’.” (FENPB/PUC-SP, 2021). Ela alerta para o risco de transformar os estágios de Kübler-Ross em uma régua emocional que julga a dor alheia. Os cinco estágios ainda podem ajudar como um mapa afetivo para nomear emoções — especialmente para quem está em choque ou busca sentido. Mas não devem ser vistos como checklists emocionais obrigatórios. O luto, afinal, é tão singular quanto o vínculo perdido.



Livro do mês

Uma jornada íntima e corajosa pela mente em luto

A renomada autora compartilha com elegância brutal a dor da perda — e nos convida a refletir sobre o que é real, suportável e transformador.

autora: Joan Didion



Uma ode à vida por quem trabalha com a morte

A médica paliativista brasileira Ana Claudia nos conduz por reflexões profundas sobre como o enfrentamento da morte pode — e deve — transformar a maneira como vivemos.

autora: Ana Claudia Quintana Arantes



uma perda nem sempre reconhecida

É a proximidade da morte que a faz refletir sobre a vida e logo notar o silêncio que envolve o luto pelos animais de estimação, apesar do gradual protagonismo que eles têm recebido na nossa vida. Em uma narrativa breve, delicada e sensível, a autora lança um olhar único sobre um tema universal.

autora: Dayane Dockhorn



Um dos debates mais urgentes da atualidade

O direito à morte voluntária assistida (MVA). No centro da obra está a história real de Eva, uma brasileira que, após um AVC devastador, vê sua vida reduzida a um limbo de sofrimento e limitações. Sem perspectivas de recuperação, ela decide viajar à Suíça para exercer seu direito de partir de forma digna.

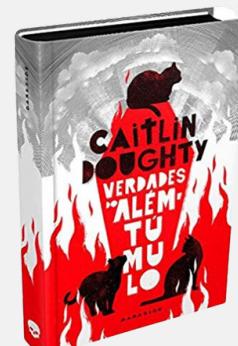
autor: Adriano Silva

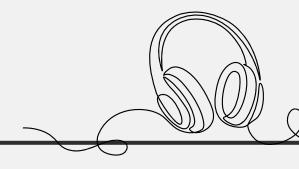


“quando eu morrer, meu gato comerá meus olhos?”

Inspirada pela curiosidade das crianças e dos adolescentes sobre a morte, a autora reuniu 34 perguntas e as respondeu com seu estilo único: técnico, informativo e absolutamente bem-humorado. O resultado é um livro divertido e instigante, que dá continuidade ao empenho da autora em desconstruir o tabu da morte

autora: Caitlin Doughty





E quem ouvir?

#230/Encontrando calma em meio a tempestades emocionais

A renomada autora Marcela Ceribelli compartilha com elegância brutal a dor da perda — e nos convida a refletir sobre o que é real, suportável e transformador.

BOM DIA OBVIOUS

**BOM DIA,
OBVIOUS**
com Marcela Ceribelli



"Manual de como sair do fundo do poço"

Oferece um guia sensível e bem-humorado para lidar com momentos difíceis da vida. Reflexões pessoais sobre como reconhecer e acolher sentimentos de tristeza, frustração e desânimo, propondo estratégias práticas para superar essas fases.

**GOSTOSAS
TAMBÉM CHORAM**



#138 - Sobre perdas e luto

A psicóloga Alana Anijar aborda, com empatia e clareza, os aspectos emocionais do luto, oferecendo reflexões sobre como lidar com a dor da perda e encontrar caminhos para a ressignificação.

**PSICOLOGIA
NA PRÁTICA**

"Conheça as 5 Fases do Luto e Como Lidar"

Explora as cinco etapas do luto — negação, raiva, barganha, depressão e aceitação —, oferecendo orientações práticas para compreender e enfrentar cada fase.

EUREKKA

**PODCAST
DA EUREKKA**

eurekka

"Como lidar com a tristeza?"

A psicóloga Gabriela Affonso compartilha estratégias práticas e reflexões sobre como compreender e enfrentar a tristeza de forma saudável.

PSICO PRA VIDA

PSICO PRA VIDA
POR GABRIELA AFFONSO



referências

BONANNO, George A.; MALGAROLI, Matteo. Trajectories of grieving. *Clinical Psychology Review*, v. 74, p. 101777, 2019. DOI: 10.1016/j.cpr.2019.101777. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2008-09330-014>. Acesso em: 3 maio 2025.

DOKA, Kenneth J. *Disenfranchised Grief: Recognizing Hidden Sorrow*. Lexington: Lexington Books, 1989.

RODRIGUEZ, Maria Inês Fernandez. Um olhar para a despedida: um estudo do luto antecipatório e sua implicação no luto pós-morte. 2014. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15342>. Acesso em: 3 maio 2025.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. 9. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

NEIMEYER, Robert A. *Meaning reconstruction and the experience of loss*. Washington: American Psychological Association, 2001.

ROSENBLATT, Paul C. Grief across cultures: A review and research agenda. In: STROEBE, Margaret S.; HANSSON, Robert O.; SCHUT, Henk; STROEBE, Wolfgang (Eds.). *Handbook of bereavement research and practice: Advances in theory and intervention*. Washington, DC: American Psychological Association, 2008. p. 207–222. Disponível em: <https://www.scienceopen.com/document?vid=2bba6ab3-2fc9-427e-9329-982f92f0847d>. Acesso em: 3 maio 2025.

SCHUT, Henk; STROEBE, Margaret S. The dual process model of coping with bereavement: rationale and description. *Death Studies*, [s.l.], v. 23, n. 3, p. 197–224, 1999.

STROEBE, Margaret; SCHUT, Henk. Models of coping with bereavement: A review. *Omega: Journal of Death and Dying*, [s.l.], v. 56, n. 4, p. 349–371, 2007.

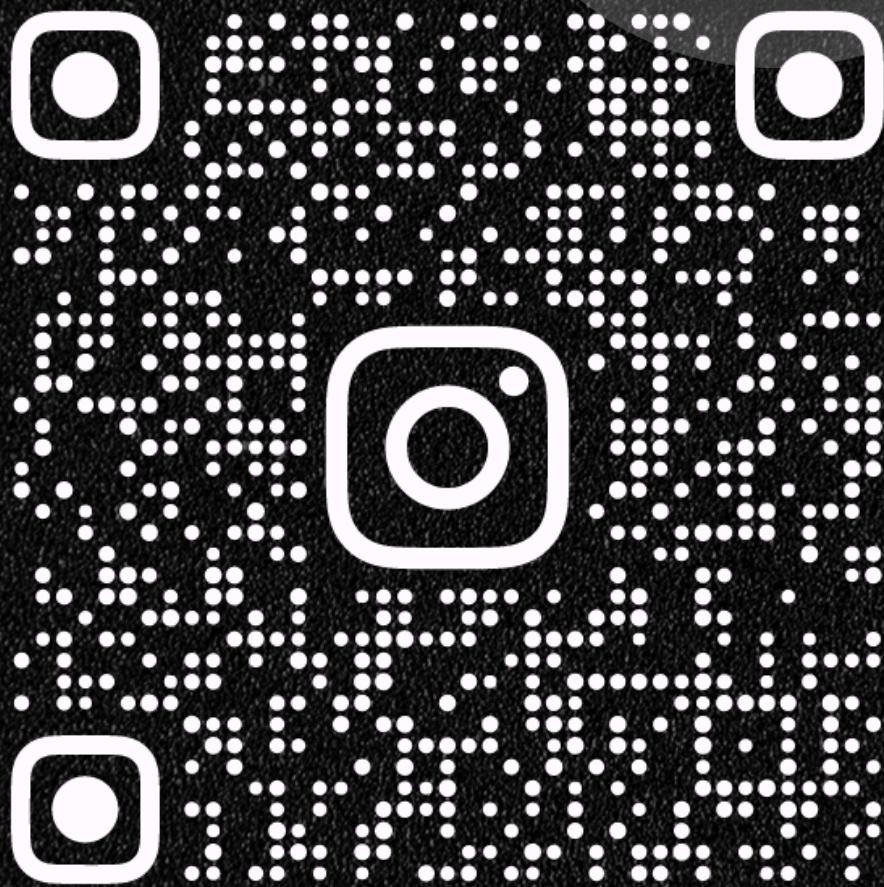
TEDESCHI, Richard G.; CALHOUN, Lawrence G. Posttraumatic growth: Conceptual foundations and empirical evidence. *Psychological Inquiry*, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 1–18, 2004.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Burn-out an “occupational phenomenon”: International Classification of Diseases. Geneva, 2019. Disponível em: <https://www.who.int/news/item/28-05-2019>. Acesso em: 2 maio 2025.

BRASIL. Ministério da Saúde. Nota técnica sobre a promoção da saúde mental de trabalhadores da saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: [MINISTÉRIO DA SAÚDE \(Brasil\). Nota técnica sobre a promoção da saúde mental de trabalhadores da saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/saude](https://www.gov.br/saude). Acesso em: 2 maio 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Previdência. Portaria MTP nº 4.219, de 20 de dezembro de 2022. Atualiza a Norma Regulamentadora nº 01. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 21 dez. 2022. Disponível em: <https://www.in.gov.br>. Acesso em: 2 maio 2025.

EI PSIU,
JÁ VIU ISSO?



@psicoolojinha



EDIÇÃO ESPECIAL:
PSICOLOGIA
HOSPITALAR

PRA ENTENDER:
LUTO E OS PROCESSOS DE
MORTE

PRA CONHECER:
ESTÁGIOS DO LUTO DE
KÜBLER-ROSS